

O poema Marcelo Ariel, ou como nos tornamos sóis

*The poem Marcelo Ariel, or how
we become suns*

ÂNGELA CASTELO BRANCO TEIXEIRA*

Artigo completo submetido a 22 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro de 2017

*Brasil, artista visual e escritora. Bacharelado em Fonoaudiologia, Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho (UNESP — Marília/Brasil), Mestrado em Educação Brasileira, UNESP-Marília/ Brasil.

AFILIAÇÃO: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. R. Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 — Barra Funda, São Paulo — SP, 01140-070, Brasil. E-mail: acastelobrancoteixeira@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é perseguir a pergunta: “como nos tornamos sóis?” a partir da obra do poeta, performer e ensaísta Marcelo Ariel, que vive em Cubatão, cidade industrial da Baixada Santista, São Paulo, Brasil. Para essa discussão, foram escolhidos trechos de seu livro *A criação do mundo como esquecimento*, publicado em 2015. Trata-se de um livro composto por pequenos ensaios, entrevistas fictícias, trechos de diários, versos e frases soltas, caracterizando-se como um texto diverso e ao mesmo tempo uno, pois todos os fragmentos possuem o título “domingo”. Vamos buscar encontrar em alguns trechos as vozes de Ariel perseguindo a afirmação “é preciso escrever sobre como nos tornamos sóis” dialogando com o texto *Porque se escreve* de Maria Zambrano, filósofa espanhola. Para ela, escrever é defender a solidão, mas uma solidão comunicável. Essa escrita emerge de uma fidelidade ao que necessita ser arrancado do silêncio. E isto não significa pôr-se a si mesmo, mas ser um

Abstract: *The objective of this article is to pursue the question: “how do we become suns?” From the work of the poet, performer and essayist Marcelo Ariel, who lives in Cubatão, industrial city of Baixada Santista, São Paulo, Brazil. For this discussion, excerpts from his book *The Creation of the World as Forgetfulness*, published in 2015, have been chosen. It is a book composed of small essays, fictitious interviews, excerpts from diaries, verses and loose sentences, characterizing itself as a text diverse and at the same time uno, since all the fragments have the title “Sunday”. Let’s try to find in some excerpts the voices of Ariel pursuing the statement “we must write about how we become suns” dialoguing with the text *Because it is written by Maria Zambrano*, Spanish philosopher. For her, writing is defending solitude, but communicable solitude. This writing emerges from a fidelity to what needs to be wrenched from silence. And this does not mean putting yourself, but being an empty place where silence can lodge. To become the sun is to*

lugar vazio, onde o silêncio possa se alojar. Tornar-se sol é um criar-se a si mesmo, para além do querer dizer e, justamente por isso, é sempre domingo e podemos, juntos, sermos sóis.

Palavras-chave: poema / escrita / silêncio / vazio.

create oneself, beyond what one wants to say, and precisely for this reason, it is always Sunday and we can together be suns.

Keywords: poem / writing / silence / empty.

1. Da impossibilidade de matar o Sol

Marcelo Ariel, poeta, performer e ensaísta, nascido em 1968, possui uma extensa produção artística, sendo reconhecido no meio artístico paulistano como um poeta “inclassificável”. Transita por diferentes instituições culturais, universidades, espaços alternativos, coletivos de arte e saraus. De seus livros publicados em diferentes formatos, destaco: *Me enterrem com minha AR15* (2007), *Tratado dos Anjos Afogados* (2008), *A criação do mundo segundo o esquecimento* (2015) *Com o Daimon no contrafluxo* (2016). Nos interessa nesse artigo a produção literária deste artista, pois a profundidade e invenção que emanam desse fazer parecem ser matérias-primas para suas outras práticas artísticas.

A escrita de Ariel alarga as bordas do texto “literário”. Seu corpus se apresenta entre o poema, o ensaio, o fluxo de consciência, o canto e o diário. Em seus textos, referências do cinema, da filosofia, da literatura e da música são recorrentes e, portanto, seu *corpus* nos aproxima de seu próprio corpo, no momento em que um espanto, um encontro, lhe aconteceu. E é o corpo de um homem negro, que vive na cidade-incômodo Cubatão, na Baixada Santista, onde a maioria das pessoas caminha pela rua de “cabeça baixa”. Cubatão é a cidade-indústria, cidade-fumaça, que nos anos 80 era chamada de “Vale da Morte”, o município mais poluído do mundo na época. E Ariel escreve:

Eu poderia muito bem matar, vender caranguejo na beira da estrada, sucrilhos mental no cruzamento da favela ou caneta, drops, rosas de plástico no busão lotado ou churros e cachorro-quente na praça deserta. Movido por uma demoníaca infelicidade prefiro escrever quase de graça... Vender livro quase de graça... Me foder e cantar esse samba.... Pagar caro pela ousadia de viver essa loucura sem segredos... em resumo... Escrevo para ser um Exu e acima de tudo... Escrevo por causa da impossibilidade de matar o Sol. (Ariel, 2015:39)

É da impossibilidade de matar o Sol que iremos tratar nesse artigo. Olharemos para a escrita de Ariel por meio dessa impossibilidade que é potência. Descobrir-se impossibilitado de matar o Sol é descobrir-se frágil. E, como sabe Ariel, esta é uma das maiores potências do humano: a fragilidade, o pensamento

frágil, que faz oposição direta ao poder, ao excesso de verdade, à lógica da brutalidade e da dominação, que nos deixa despossuídos.

Nesse contexto, Ariel clama pelo dispensamento, pela desobra, por um texto-instante que se faz fora do nome, para que a vida possa nos viver e não ao contrário. Não matar o sol é descobrir-se vivo. E vivo é fluxo, movimentar-se, vive das trocas. Esta é a busca, “de ir além da destinação/um outro acordo interno/com a invisibilidade, mas não com a nulidade” (Ariel, 2015: 25). Eis um dos primeiros movimentos para “tornar-se sol”: romper com a biografia, com a trajetória marcada, narrada/encerrada pela memória pessoal que não consegue dar muitos passos além do contorno do ser civil, com RG, CPF, CEP e conta bancária, portanto, sem muitas chances de esvaziar-se, de abrir-se para que o ainda não é. Aqui lembramos de Nietzsche quando afirma que só o escravo pergunta quem é. O homem livre pergunta quem me chama. Acreditar excessivamente na biografia é não escutar o chamado do sol. É não escutar o chamado do mundo.

E é importante ressaltar que escutar o chamado do mundo é caminhar para a invisibilidade, para o estado de percepção pura, de ir em busca de um lugar antes do nome, em que não éramos divididos por rosto, língua ou cor de pele. E tornar-se invisível, desaparecer, fundir-se com o real não significa anular-se. Trata-se, então, de voltar no tempo? De aclamar por uma comunidade perdida? De esperar a salvação? Não. Entramos aqui no campo da memória impessoal. Trata-se de diminuir a voz da memória pessoal e dar mais espaço para a memória impessoal, a memória das coisas. Assim, sintonizamos-nos com o mistério, com a voz das coisas e saímos da lógica biográfica e estritamente temporal.

E Ariel diz logo no início de seu livro:

A instauração de uma ontologia do poema-contínuo seria a investigação dos momentos do ser onde ele se sente dentro do mundo, habitado pela pureza ficcional das coisas, imersos em uma clareira do tempo na qual a hora é incerta e onírica e não seguimos nenhum relógio, não tentamos esquadrinhar o invisível, é justamente nesses momentos que a interioridade-exterior iluminada por uma ininteligível exterioridade constrói o corpo de uma criança morta apenas no lado de fora da memória.... (...) Somos o fantasma vivo da criança morta o fantasma vivo da criança-morta é o mediador da beleza do não-ser ou da beleza da natureza e de sua irradiação chamada a máquina do mundo reencontrada... Renomearemos essa irradiação do aqui agora e a chamaremos de Poema Contínuo. (Ariel, 2015: 11)

Não importa a literatura, a forma literária, o tamanho da fonte e o tipo de papel. São massas de texto, nomes de pessoas, de filmes e afetos expostos, abertos, numa língua que se faz território, porque é contínua, é a rotina dos dias. E

é exatamente o hábito, o fazer corriqueiro que cria o território. E poderíamos correr o risco de afirmar que a vida é território. E territórios comunicam-se. E assim entramos no livro de Ariel: no território do *Poema Contínuo*.

O *poema contínuo* é um texto que busca se fazer fora do nome e fora da interioridade, como já vimos. E a palavra *contínuo* não significa a ausência de quebras ou inexistência de fragmentos. Significa ausência de uma temporalidade linear, única. Pois é próprio do poema constituir-se de cortes, de desvios, de interrupções. Como afirma Jean Luc-Nancy, essa é a resistência da poesia, uma resistência ao discursivo, “é essa a resistência à desmesura da língua, à indefinida expansão da língua, à sua tagarelice constitutiva”. (Nancy, 2005: 42-43)

Para Ariel, entrar no poema contínuo é entrar no tempo da copa das árvores. E não importa a escrita. Ser escritor, para ele, não está em causa, *importa é achar-se em estado de distração beatífica, onde o que você procura, te encontra*, diz.

Entrar no poema contínuo também é a busca da escritora e psicanalista Catherine Millot. Em seu livro *Oh, Soledad!*, ela narra sua saga pela quietude, pelo esvaziamento do discurso interior por um estado de infância contemplativa, cruzando, no texto, relatos de uma viagem solitária de navio, com reflexões pessoais sobre a solidão e os livros de William Henry Hudson, que narra suas viagens na Patagônia, Argentina. Para ela, a solidão mais contemplativa e menos compreensiva visa libertar-nos finalmente da fadiga do sentido. E afirma: “sin residuo, sin memoria y quizá sin deseo, una pura visión sin mirada, bañada en una luz quieta. Quizá sea esa la aspiración más profunda de quienes aman la soledad”. (Millot, 2014, 121)

E é citando Hudson em seu livro *Hace tiempo y a lo lejos* que ela nos encoraja a dizer que Deus está no espaço:

No lograba imaginar-se a Dios de otra forma que no fuera la de un pájaro más rápido, surcando sin fin el cielo con un ojo que todo veía. A veces, Dios se le presentava como una alta columna de un azul puro, semejante a una mañana gloriosa o a un geranio salvaje. (Millot, 2014: 105)

2. É sempre domingo

O livro de Ariel se desenvolve numa sequência de “domingos”. São massas de textos distribuídas em cenas cinematográficas, relatos de livros, músicas, conversas entre autores, rastros de encontros, ensaios filosóficos e conversas (entre vivos e mortos, seres e coisas).

Em um “domingo” Ariel relata um roubo que aconteceu na sua casa: foi privado de seu aparelho de som e 350 cds. E diz que o roubo é para nos lembrar da perda da contemplação da impermanência.

Em outro “domingo” faz um dicionário da miséria cultural em forma de sonho. São definições sobre movimentos culturais, fóruns, ONGs, leis de incentivo à cultura, cadernos culturais, alta cultura, ou seja, os diversos “blefes” usados pela indústria cultural na artimanha de catalizar e capitalizar o potencial criador humano.

Já em outro domingo, há a conversa existencial entre sete mendigos sem nome. E em outro, há a transcrição de uma conversa entre o próprio Ariel e Rimbaud. Em outro, um Anjo e o cineasta Luís Buñuel conversam.

E chega um domingo que ele diz:

(...) a vida por um pulsar do ininteligível e do real que floresce em nós através do silêncio desde os astros até a paisagem mais próxima não encena a si mesma e é desprovida de “passado” e “futuro”, ela é um acontecimento autônomo. A perpetuação do nome como lugar da identidade apenas anuncia o acontecimento como algo apartado desse ser-que-acontece-fora-do-nome, em resumo: é a vida quem vive através de cada ser e não o oposto. (Ariel, 2015:28)

E domingo é tempo de escrever uma carta para a amiga:

Carta a Miranda July: “uma geração inteira viciada em “anestesia da vida interior” não é melhor do que outra viciada em “fuga interior”, olhar para fora pode ser um ato revolucionário se nossa vida interior acompanhar o nosso olhar. (Ariel, 2015:27)

E também de pensar com suas próprias palavras:

(...) sinto que a presentificação de mitos ancestrais de uma humanidade primordial leva a lugares dentro do poema que ajudam o ser a atravessar o teatrofantasma, mas a superação do teatrofantasma seria um mergulho ainda mais fundo no ame o que você não ama e na nuvem-do-não-saber, ou seja, no inominável. (Ariel, 2015: 28)

São muitos e diferentes domingos que amanhecem no “jardim do pensamento” de Marcelo Ariel, que escreve “entra outra vez no jardim... Ele não está completamente fechado para ti”. (Ariel, 2015: 31)

3. Tornar-se Sol

Amanhecer no jardim do pensamento é tornar-se sol. Tornar-se sol é fundir-se com algo maior, com o espaço. E Deus está nos espaços, como nos disse Millot citando Hudson. Tornar-se sol é um ato de fé, como nos diz a filósofa espanhola María Zambrano, em seu texto *Porque se Escreve* (2000): “acto de fé o escrever, e como toda a fé, de fidelidade. O escrever pede a fidelidade antes de tudo o mais. Ser fiel àquilo que pede para ser arrancado do silêncio”. (Zambrano, 2000:40)

E ainda:

Fidelidade que, para conseguir-se, exige uma total purificação das paixões, que têm que ser aplacadas em lugar da verdade. A verdade precisa de um grande vazio, de um silêncio onde possa alojar-se, sem que nenhuma outra presença se misture com a sua, desfigurando-a. (Zambrano, 2000: 40)

Pois, se o escritor revela um segredo, não é por obra da sua vontade, nem pelo seu apetite, mas pelo seu encontro com o Sol, que não é retumbante nem nos traz reconhecimento, pelo contrário, nos faz humanos ainda menores e frágeis, capazes de se entregar, de se perder completamente na presença do azul ou no corpo de um único pássaro. E assim, mesmo que por instantes, como disse Spinoza, podemos sentir e experimentar que somos eternos. E assim, cuidadosamente, podemos afirmar que é essa a tarefa do artista, a de manifestar esse acontecimento, aquilo que, mesmo que por instantes, pareceu-lhe o brilho de uma verdade.

Como nos diz Ariel:

Hoje sei que escrevo para aprender a ficar em silêncio, ser como uma neblina entre as nuvens provocando um onirismo groove na entrada do túnel ou para organizar todas as minhas auras assassinadas no jardim das balas perdidas. (Ariel, 2015: 38)

Referências

- Ariel, Marcelo (2015) *A criação do mundo segundo o esquecimento*. São Paulo: Córrego. ISBN: 978-85-67240-50-3.
- Ariel, Marcelo. (2016) *Com o daimon no contrafluxo*. São Paulo: Patuá. ISBN978-85-8297-333-2.
- Millot, Catherine. (2014) *Oh, soledad!* Barcelona: Nuevos Emprendimientos Editoriales, 2014. ISBN 978-84-941244-4-0.
- Nancy, Jean-Luc. (2005) *Resistencia da Poesia*. São Paulo: Edições Vendaval. ISBN: 9789729918551
- Zambrano, María. (2000) *Metáfora do Coração e Outros Escritos*. Lisboa: Assírio Alvim, ISBN 972-37-0348-3.